

# UTOPIA MESSIÂNICA CONSELHEIRISTA E A INFLUÊNCIA SEBÁSTICA

Maria Rosileide Bezerra de Carvalho<sup>1</sup>  
Profa. Dra. Edil Silva Costa<sup>2</sup>

*Resumo:* A pesquisa em curso, “*Mulher, Ser ou Não “Vadia”: Corpo Feminino, Colonização e Discurso*”, tem como foco investigativo as imagens e postagens, veiculadas no Facebook sobre a Marcha das Vadias, realizada no Brasil. Constitui-se uma metodologia de base exploratória e bibliográfica, cujo percurso se faz através das teorias de crítica cultural e de gênero. Tem como objetivo analisar, descrever e interpretar a construção dos sentidos mobilizados por diversas materialidades discursivas (verbais/ não verbais) que se dá através do corpo feminino em sua relação histórica com o sujeito e a ideologia.

*Palavras-Chave:* Marcha das Vadias. Corpo. Discurso.

## INTRODUÇÃO

O artigo procurou analisar o Sebastianismo de origem Portuguesa e sua influência nos movimentos místicos do sertão e agreste do Nordeste brasileiro, notadamente em Canudos, Bahia. Partiu-se do contexto histórico, socioeconômico e político, bem como dos aspectos de vulnerabilidade ambiental, visando apresentar as condições adversas vivenciadas cotidianamente pelos sertanejos nordestinos e identificar conexões para o surgimento do viés utópico messiânico que permitiu minimização

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, identidades e formação de professores. Endereço eletrônico: mrbcarvalho@uneb.br.

<sup>2</sup> Profa. Dra. vinculada ao Programa de Pós-Graduação em crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB).

ou superação da realidade anacrônica vivenciada, bem como a resistência do movimento aos seus alçozes.

Pereira de Queiroz (1965), na obra *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, buscou compreender o surgimento dos surtos messiânicos. A autora identifica na religiosidade camponesa dos movimentos messiânicos uma expressão autêntica de manutenção da cultura rural. Em contraposição, observa, que na vigência de fases desenvolvimentistas, as sociedades rurais eram vistas como atrasadas e entraves à modernidade, sendo suas expressões religiosas carismáticas tidas como místicas, proféticas, fanáticas e irracionais.

Assim, teóricos da modernização viam a religião camponesa como resquícios de um passado tradicional pré-capitalista a ser absorvido pelo mundo urbano-industrial, entretanto, nos anos 1950, a incidência desses movimentos, mesmo em tempos modernos, chamou a atenção de antropólogos, historiadores, cientistas da religião e sociólogos.

Ainda segundo a autora, a categoria messianismo refere-se a movimentos religiosos que ocorrem por fatores sociais internos e externos ao grupo, sem constituir uma patologia social desviante ou uma reação pré-política dos oprimidos nem como uma reação ao encontro da modernidade ocidental. Os fatores sociais internos foram definidos por Pereira de Queiroz enquanto anomia afetando elementos culturais como crenças, valores, relações sociais; já os fatores sociais externos, como as transformações políticas, econômicas e tecnológicas. Nesta perspectiva, o messianismo apresentaria duas faces: (1) o movimento social movido pela expectativa da aparição de um messias ou (2) as ações movidas pelas manifestações dessa figura. O messias seria a personificação do salvador, capaz de derrotar o mal e estabelecer uma ordem moral e uma vida próspera. Já o

milénarismo abarcaria uma categoria mais ampla de um novo mundo (PEREIRA DE QUEIROZ, 1965).

Pereira de Queiroz utilizou como argumentos para seu estudo: O fato de que cada sociedade possui seu próprio modo de voluntariamente se transformar, e que para muitas delas, especialmente as sociedades rústicas, o messianismo constituiria um desses modos; os surtos messiânicos não ocorreriam em uma massa apática à espera de uma intervenção divina para completar a transformação necessária; e, os movimentos messiânicos seriam dotados de função social de resolver as crises que enfrentam. Corroborando com estes argumentos, Rossi (2007) pontua:

[...] o messianismo, a partir de dentro da história, vai se apresentar como um fator de dinâmica social. [...] as atividades do movimento messiânico nada têm de fuga para mundos imaginários. Ao contrário, constituem organização nova que efetivamente se constrói (ROSSI, 2007, p. 11).

Portanto, o messianismo tomado como força dinâmica e transformadora, não constitui, ainda segundo Rossi (2007, p. 10), “crença passiva e inerte, de resignação e conformismo”. Não se prestando, portanto, “à alienação do movimento das forças sociais em busca de libertação.”

Assim, uma vivência com opressão e humilhação não levaria à perda da esperança ou ao enfraquecimento de laços sociais, mas, fortaleceria a orientação messiânica, permitindo “a elaboração de efetivos movimentos de libertação e renascimento religioso que caminham à procura de seu paraíso” (ROSSI, 2007).

Nesta perspectiva, a utopia se presta a produzir um contra modelo à realidade inóspita e opressora. Ainda segundo o autor supracitado:

A utopia das sociedades imaginárias seria, portanto, um instrumento de superação de realidades anacrônicas que desde os primeiros tempos surgem como uma forte característica humana a fim de superar as

carências da realidade vivida. Diante da realidade concreta somente é possível tornar a existência suportável diante do paradoxo da existência através da construção de uma certa representação da realidade objetiva (ROSSI, 2007, p. 7).

As insatisfações sociais das populações pobres do sertão nordestino, com sua pluralidade étnico-racial característica, somadas ao sentimento de orfandade provocado pela queda da Monarquia, viriam a constituir a combinação conjuntural que possibilitou a resistência dos seguidores de Antônio Conselheiro. Vejamos:

Considerando o conjunto de aspectos, ideológicos, de tipos humanos sociológicos, e determinantes da cultura local e as mudanças institucionais pela ruptura com legitimação da antiga ordem estabelecida, a constituir a visão de mundo dos canudenses associado à sua situação material, assumindo um viés utópico de contestação das injustiças sociais, de busca e resgate de uma realidade inexistente ou que deixou de existir em seu imaginário popular (RIOS, 2008, p. 2).

A relevância da temática, que versa sobre a influência do sebastianismo português no messianismo utópico Conselheirista, consiste na análise e aprofundamento dos fatos históricos, culturais e socioeconômicos que permearam o cotidiano dos canudenses no período abordado. Ademais, muitos desses movimentos no território brasileiro, notadamente no sertão nordestino, estão relacionados, ao desenvolvimento histórico e social e continuam a representar importante referência subjetiva no imaginário coletivo local.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa do tipo documental (GODOY, 1995). Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa preocupa-se com os aspectos da realidade social que não são quantificáveis. Este método de

pesquisa busca centrar-se na compreensão e explicação da configuração social, levando em consideração significados, crenças, atitudes e valores dos envolvidos.

Foram utilizados o método exploratório e descritivo referentes à abordagem teórica sobre os movimentos messiânicos no Brasil, notadamente, o conselheirista em Canudos, Bahia, objetivando identificar a ocorrência e as repercussões da influência sebastianista em sua formação e estruturação. Para tanto, foram utilizadas obras de vários estudiosos no tema, como: Binet (2013); Calasans (2002, 1987, 1959, 1950); Cunha (2009); Dantas (2000); Oliveira Jr. (2019); Oliveira (1996); Pereira de Queiroz (1976); Polak (2010); Polese (2010); Rios (2008); Rossi (2007); Santos (2012); Villa (1997); entre outros.

Na seção seguinte, apresentaremos os resultados da pesquisa realizada, bem como, as respectivas discussões.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **CANUDOS: VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL, UTOPIA E RESISTÊNCIA**

Nesta seção, serão abordados os aspectos históricos que permeiam Canudos desde a sua criação, bem como as características de clima, vegetação, solo e socioeconômicas, visando apresentar as condições adversas vivenciadas cotidianamente pelos sertanejos nordestinos. O texto tomou por base os estudos de Oliveira Junior (2019); Neiva (2013); Dantas (2009); Calasans (2002, 1987).

A criação da Vila de Itapicuru de Cima, da qual o município de Canudos originou, remonta ao ano de 1727. A sede localizava-se nas margens do rio do mesmo nome e os povoados espalhavam-se sobre o território da vila. A pecuária era a vocação econômica regional e uma parcela da população realizava a

agricultura de subsistência, com cultivos de arroz, feijão e milho, cujos poucos excedentes eram comercializados nas vizinhanças, fazendas e feiras semanais; plantava-se cana-de-açúcar nos ambientes mais úmidos, onde localizavam-se alguns engenhos e engenhocas; também, havia o cultivo de mandioca e a produção de farinha e rapadura pelos mais pobres da população. Entre os médios fazendeiros, existiam aqueles que conjugavam a pecuária e agricultura (DANTAS, 2007).

Segundo Bandeira (1997), ao final do século XIX, a economia brasileira encontrava-se estagnada em razão das políticas engendradas no período pós Proclamação da República do Brasil e nos três séculos de colonização exploratória portuguesa. Os latifúndios improdutivos, demarcavam a imensa desigualdade socioespacial brasileira. Nesse contexto, a religião servia para originar beatos, messiânicos e revoluções contra as classes sociais – daí a importância de Antônio Vicente Mendes Maciel, o messiânico Antônio Conselheiro, e o surgimento do arraial de Canudos.

Na história de ocupação dos sertões da Bahia, a constituição e extinção do arraial de Canudos são marcadas por fatos peculiares, compostos pelas questões políticas, econômicas, sociais, teológicas e outras (CALASANS, 1987; VILLA, 1995).

Quando se estabeleceu em Canudos, no sexto mês de 1893, ano de uma grande seca, Antônio Conselheiro rebatizou o arraial de Belo Monte, a fama dele se espalhou pelas redondezas e atraiu milhares de pessoas dos sertões baianos, sergipanos e de outros estados fronteiriços da Bahia, com somas entre 20 mil e 30 mil habitantes, superior aos números atuais do município. A população local sobrevivia da pecuária caprina, cujos animais eram adaptados ao clima e ao solo; da plantação de cana-de-açúcar nas áreas mais úmidas e da produção de rapadura para o consumo local; da criação do gado *vacum*; e, sobretudo, das

doações e das esmolas recolhidas pelo messiânico e pelos beatos dele, algumas advindas de regiões distas de Canudos, como da cidade de Alagoinhas, no Recôncavo da Bahia. Em Canudos, a população não obedecia às normas e leis do Estado, não reconhecia o governo republicano recém-criado e não pagava impostos. Havia a proclamação de um governo monárquico, com um sistema produtivo coletivo, cujo grandes somas dos resultados obtidos eram revertidas à Companhia liderada por Antônio Conselheiro (CUNHA, 2009; CALASANS, 2002). Assim, o contra modelo projetado e implementado em Canudos confrontou o sistema vigente, que assim justificou as atrocidades empreendidas visando o extermínio da comunidade Canudense, como discutido por Rios (2008):

Essa Projeção de sociedade alternativa não teve o respaldo nem da Igreja, nem do Estado, seja ele monárquico ou republicano. O êxito dos conselheiristas não era bem-visto pelos distintos setores das elites, obviamente que se a monarquia tivesse perdurado por mais tempo, entraria em confronto em um dado momento com a utopia de Canudos. Na concepção de Conselheiro “a terra não tem dono, a terra era de todos”, esse tipo de discurso entrava em confronto direto contra o latifúndio, perturbando o sossego das elites agrárias, que antes mesmo da instituição da República haviam estabelecido pela Lei de Terras de 1850, o aprisionamento, o monopólio, e a mercantilização da propriedade privada da terra (RIOS, 2008, p. 6-7).

A realidade socioespacial descrita, associada a outras, configuraram-se em fatores a justificar a perseguição e extermínio do arraial e povos, culminando em quatro expedições militares organizadas pelo Estado, entre novembro de 1896 e abril de 1897. Além dos jagunços canudenses, que batalhavam contra as tropas federativas, existiam as feições vegetais da caatinga em favor do arraial, pois eram consideradas as companheiras do povo de Canudos e inimigas das tropas militares, que gastavam tempo e esforços físicos para cruzar os caminhos (CUNHA, 2009).

Ainda, segundo este autor, após a segunda expedição, com o recuo, abandono, fuga dos militares e vitória dos jagunços, cresceu a importância social e fama do arraial de Canudos, que experimentou um aumento populacional de centenas. A fama, também, impulsionou medidas mais drásticas de combate militar, político e econômico aos ideais movimentadores do arraial. Com isso, uma nova expedição, a terceira, foi realizada. Novos caminhos foram traçados, novas experiências fracassadas, novas provas de desconhecimento do território experimentaram, decorrentes no insucesso da expedição militar. No cenário da terceira expedição aparece a localidade de Angico. Nela, a expedição pernitoou e descansou da fadiga resultante dos cruzamentos de caminhos do sertão, bem no centro do território dos adversários. Em 1897, é preciso uma nova expedição militar para arrasar com o arraial de Canudos. Na quarta investida militar, destruíram Canudos com incêndios do arraial, dizimação de grande parte da população e decapitação de tantos outros, inclusive de Antônio Conselheiro.

Após o término da Guerra e o fim do arraial, no mesmo local reergueram outra Canudos, a Canudos Velha. A partir do represamento do rio Vaza-Barris e a formação do açude de Cocorobó em 1969, o sítio histórico do arraial de Canudos foi inundado, juntamente com parte da história brasileira. Em anos de seca, com a redução drástica do volume de água, os espaços da guerra do arraial messiânico e ruínas de construções da Velha Canudos aparecem à superfície.

O represamento do rio Vaza-Barris e a formação do lago artificial de Cocorobó obrigou o deslocamento da população da Velha Canudos e o surgimento de outro núcleo urbano, nas proximidades da barragem, denominado, inicialmente de Vila Nova de Canudos. No ano de 1985, é garantida a emancipação político-administrativa municipal de Canudos, desmembrado do



município de Euclides da Cunha (denominado anteriormente de Cumbe) e da antiga Vila do Coração de Jesus do Monte Santo.

Em seu estudo sobre o processo de desertificação na região de Canudos, Oliveira Junior (2019), descreve as características adversas do município com relação ao clima, solo, cobertura vegetal, vejamos: A aridez climática domina o município, em que há um período curto de chuvas, com baixos índices pluviométricos; no total, chove muito pouco, em torno de 378,9mm anuais, e a probabilidade de incidência de seca é alta, definida em 80%. Associada aos altos valores de temperatura durante todo ano.

As características climáticas favorecem a formação de uma rede hidrográfica constituída, quase em sua totalidade, por rios intermitentes, outros efêmeros, com exceção do rio Vaza-Barris. A barragem das águas e a formação do lago de Cocorobó possibilitam o controle anual e o curso hídrico durante todo o ano, diferindo daqueles em que há uma baixa surpreendente do volume de água, devido ao fenômeno da seca. No período das chuvas torrenciais, acontece a inundação das áreas ribeirinhas e a umidade do solo possibilita a população desencadear atividades agropastoris.

Os solos rasos, com superfícies arenosas e/ou pedregosas, prolongam-se por vastas superfícies, por onde desenvolvem neossolos litólicos e neossolos quartzarênicos. Encontram-se, ainda, o argissolo, cambissolo, luvisso, planossolo e vertissolos.

Possui uma cobertura vegetal denominada caatinga, com espécies caracterizadas por xerofilia, de porte arbóreo (2-5m) e herbáceo (<2m), com especificidades de armazenamento de água, como é o caso do mandacaru (*Cereus jamacaru*), xique-xique (*Pilosocereus polygonus*) e umbuzeiro (*Spondias tuberosa*). Durante o longo período anual de estiagens pluviométricas, existe

a escassez de vegetação verde, em função da caducidade de grande parte da composição florística.

Ainda segundo Oliveira Junior (2019), as atividades econômicas importantes referem-se à agricultura, desencadeadas nos períodos de chuva, e a pecuária caprina e bovina, predominantemente, extensiva. Por isso, as lavouras e pastagem substituem a vegetação natural e deixam as marcas de deterioração ambiental, como se permanecesse a ideia do binômio *sociedade versus natureza*, pois os níveis de impactos ambientais negativos propagam-se. Em decorrência, as problemáticas sociais são visíveis na desigualdade de acesso à terra, que indicam a crise social vivenciada na escala espacial do município. Assim, o município de Canudos configura-se, ainda na atualidade, como um ambiente extremamente frágil, tanto do ponto de vista ambiental, quanto socioeconômico, o que converge para o estabelecimento de fatores geradores de conflitos e degradação ambiental.

Nesta perspectiva, segundo Polak (2010), o movimento de Canudos não constituiu apenas uma manifestação religiosa externa devido à condição material determinante desse fenômeno, mas à combinação de aspectos introspectivos dos indivíduos e fatores externos que submetiam a existência das populações pobres sertanejas, norteado por um discurso agregador utópico de viés revolucionário.

O termo utopia é derivado do título do livro homônimo escrito por Thomas More e publicado em dezembro de 1516, e evoca a busca por mudanças a uma realidade anacrônica. Outra forma de definir o termo utopia seria como um sinônimo para fantasia, loucura, constituindo uma maneira de desqualificar aqueles que buscam mudança e transformação de uma realidade adversa. Assim, o termo passou a ter dois significados:

Para quem defende uma utopia, ela seria a possibilidade de um mundo novo, em que tudo pudesse ser construído novamente, da forma correta, para o bem de todos. Mas, para quem não deseja transformações de qualquer ordem, ela seria um sonho, uma loucura, um delírio. Parece-nos que este último predominou. E predomina (POLAK, 2011, p. 16).

Segundo Rios (2008), movimento de Canudos era herdeiro e portador da utopia baseada no milenarismo messiânico. O milenarismo em sua dimensão temporal busca resgatar o estágio do cristianismo primitivo dos primeiros séculos da era cristã na constituição de uma sociedade justa e igualitária. Já em sua dimensão vertical, busca a redenção espiritual de elevação do homem à perfeição divina. O conselheirismo provavelmente mesclou as duas vertentes.

O milenarismo, em sua matriz principal, baseado no Apocalipse de São João, foi abolido e condenado pela Igreja no Concílio de Éfeso (431 d.C.), prevalecendo a instituição e consolidação da Igreja sobre bases romanas, bem como, a interpretação do Apocalipse segundo Santo Agostinho, contrária ao milenarismo e legitimadora da sociedade da cristandade medieval, explicando talvez, a vertente do sebastianismo, forma de messianismo português, baseado no retorno do Rei D. Sebastião (RIOS, 2008).

Discutiremos a seguir, o Sebastianismo Português e sua influência nos movimentos messiânicos brasileiros. O texto tomou por base os estudos de Binet (2013); Calasans (1950) e Rios (2008).

## **O SEBASTIANISMO PORTUGUÊS E OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS NO NORDESTE BRASILEIRO**

O século XVI foi marcado pelo surgimento de movimentos messiânicos, em parte, conseqüente a um sentimento de decepção e insegurança religiosas, associado à fusão forçada do

judaísmo com o cristianismo. Esses movimentos existiam em toda a Europa, mas eram numerosos na Península Ibérica. Em Portugal, Anes Bandarra (1500-1566), em suas *Trovas*, anunciava a chegada de um Encoberto que restauraria Portugal à sua glória. Dom Sebastião ao guerrear na África do Norte, morre na Batalha de Alcácer Quibir em 1578. Como o corpo do Rei nunca foi encontrado, criou-se a esperança de sua volta e o mito, transformando o sebastianismo em uma religião da pátria (BINET, 2013).

Ainda segundo esta autora, o Brasil tornou-se um elemento importante no contexto do messianismo português por vários fatores: os jesuítas eram disseminadores ativos do sebastianismo; exemplares manuscritos das *Trovas* do Bandarra circulavam no Brasil desde 1591; o ensino estava, em grande parte, sob responsabilidade das ordens jesuíticas; o domínio holandês do nordeste brasileiro entre 1630 e 1654, contribuindo para uma maior tolerância religiosa, refletida no incremento da imigração de judeus portugueses, e sobretudo de jesuítas.

Assim, o sebastianismo alcançou as camadas populares brasileiras, sendo encontrado dois séculos depois — século XIX, em movimentos populares rebeldes e religiosos do sertão nordestino como: Cidade do Paraíso Terrestre (1923-1925), PE; Pedra Bonita (1836-1838), PE; e Canudos (1893-1897), BA. Prevalendo até os dias atuais, no antigo território do Grão-Pará — Maranhão, Pará e Amazonas, em narrativas de lendas transmitidas oralmente e em manifestações da religiosidade afro-brasileira do tambor de mina e da pajelança e na tradição do bumba meu boi, em que o rei toma a forma de um touro coberto de ouro e de pedras preciosas, percorrendo o estado do Maranhão no dia de S. João (BINET, 2013; RIOS, 2008).

O principal movimento messiânico brasileiro ocorreu em Canudos, Bahia, sob a liderança de Antônio Conselheiro, que

iniciou pregação no norte da Bahia, a partir de 1867, atraindo muitos seguidores, por causa da sua fama de fazer milagres e curar pessoas. O caráter sebastianista do movimento é apontado por vários autores:

Os seus sermões, muito numerosos, *tinham amiúde por tema a volta do rei D. Sebastião e do Paraíso terrestre*. Para que esse retorno se tornasse realidade, era imperativo conformar-se às ordens do profeta Antônio Conselheiro, quer dizer, abandonar toda a riqueza em seu proveito, praticar a castidade, a abstinência, fazer penitência (BINET, 2013, p. 92).

Segundo Santos (2012), o movimento de Antônio Conselheiro foi caracterizado por Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, como um Sebastianismo tardio, sendo descrita como crença anacrônica e um sintoma de atraso, pelo republicano e positivista enviado ao Nordeste para cobrir a guerra de Canudos.

Para Calasans (1950), o discurso de Antônio Conselheiro em Canudos, além da conversão e difusão dos ensinamentos cristãos, trazia profecias de mudanças climáticas e do final dos tempos, além de que, “a “salvação” estaria a caminho, pois D. Sebastião estava por voltar. Ele viria restaurar a Monarquia derrubada pela maligna República.” (CALASANS, 1950, p. 11).

Segundo o autor supracitado a presença de D. Sebastião nas histórias e versos do ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro é compreensível:

Em primeiro lugar porque havia, indiscutivelmente uma tradição sebastianista nos sertões do Brasil. Durante a primeira metade do século XIX, por duas vezes, o sebastianismo eclodiu, de modo brutal, no interior pernambucano, próximo, portanto, à região de Canudos. Em 1819 e 1836, conforme o historiador Pereira da Costa, registraram-se os dramáticos episódios da Santa Pedra e do Reino Encantado da Pedra Bonita, [...] Tomou, assim, em Canudos, o sebastianismo feição nova, deixando de ser o “anelo da redenção nacional”, de que falou João Lúcio de Azevedo para representar, sobretudo, a esperança popular na restauração da monarquia brasileira (CALASANS, 1950, p. 13).

Assim, o Sebastianismo proferido pelo Conselheiro incorporaria suas ideias, tornando-se diferente do visto em Portugal, sendo usado como forma de restaurar a Monarquia.

O sebastianismo de Canudos, resultante de vários fatores históricos e sociais, perdeu o sentido de redenção-nacional que, na justa apreciação de J. Lúcio de Azevedo, era característico essencial do messianismo dominante na pátria portuguesa, ganhando, porém, outro conteúdo político, que veio a ser o ideal da restauração monárquica (CALASANS, jan. 2022, p. 13-14).

Ainda segundo o autor, é provável que os antecedentes sebastianistas do Nordeste exerceram influência sobre Conselheiro, porém, no estudo do sebastianismo de Canudos, através das palavras do “Nosso Bom Jesus” e dos poucos versos conhecidos, verifica-se que o D. Sebastião anunciado é bem diferente daquele de Portugal.

Entretanto, Polese (2010), defende que em “estudos atuais está quase descartada a ideia de que a comunidade liderada por Antônio Conselheiro tivesse de fato algum vínculo com o sebastianismo.” (POLESE, 2010, p. 137). A autora teoriza que apesar de fortemente presente nos movimentos do Reino Encantado ou Pedra do Reino, o sebastianismo teria perdido força em Canudos, baseando seus pressupostos em trabalhos de Marco Antônio Villa e José Calasans, que compartilham a ideia de que Euclides da Cunha fora o único que registrou a presença do sebastianismo no episódio de Canudos:

Para Calasans, não está claro o resgate da presença sebastica na mentalidade e comportamento de Antônio Conselheiro, demonstrado que houve uma tentativa “forçada” de comprová-lo, através de quaisquer documentos escritos encontrados nos sobejos de Canudos (POLESE, 2010, p. 138).

Apesar das controvérsias acerca da influência do sebastianismo lusitano nos movimentos messiânico do sertão

nordestino, notadamente no caso de Canudos, é inconteste sua presença na primeira e segunda metade do século XIX, tendo sido adaptado à realidade social e política local.

Antônio Conselheiro morreu em 1897, com seguidores esperando que ressuscitasse ao terceiro dia. Em 1950, ainda havia no Brasil quem esperasse sua volta, transmutando-se ele próprio em mito. A personagem vive ainda na poesia popular, que abriga numerosas lendas ligadas à de Sebastião, o rei que deverá voltar das brumas da sua ilha encantada (SANTOS, 2012).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao descrever o contexto histórico, socioeconômico e político, além dos aspectos de vulnerabilidade ambiental, foi possível confirmar nas diversas obras pesquisadas, as conexões para o surgimento do viés utópico messiânico que permitiu a minimização e/ou superação da realidade anacrônica vivenciada, e a posterior resistência do movimento conselheirista; bem como, identificar a influência do sebastianismo português nos movimentos místicos do sertão e agreste do Nordeste brasileiro.

As insatisfações sociais das populações pobres do sertão nordestino, com sua pluralidade étnico-racial característica, somadas ao sentimento de orfandade provocado pela queda da Monarquia, viriam a constituir a combinação conjuntural que provavelmente possibilitou a o surgimento do movimento e a posterior resistência dos seguidores de Antônio Conselheiro às expedições do exército brasileiro. Assim, a adversidade material, representada por vulnerabilidades de cunho social, econômica e ambiental, à qual estavam submetidos os conselheiristas, contribuiu para o surgimento do viés utópico messiânico que permitiu a minimização ou superação da realidade anacrônica vivenciada.

Para a maioria dos autores, o sebastianismo alcançou as camadas populares brasileiras, sendo encontrado dois séculos depois — século XIX, em movimentos populares rebeldes e religiosos do sertão nordestino como: Cidade do Paraíso Terrestre, PE; Pedra Bonita, PE; e Canudos (BA). Prevalecendo até os dias atuais, em narrativas de lendas transmitidas oralmente e em manifestações da religiosidade afro-brasileira.

Apesar das controvérsias acerca da influência do sebastianismo lusitano nos movimentos messiânico do sertão nordestino, notadamente no caso de Canudos, é incontestável sua presença na primeira e segunda metade do século XIX, tendo sido adaptado à realidade social e política local.

Antônio Conselheiro morreu em 1897, com seguidores esperando que ressuscitasse ao terceiro dia, transmutando-se ele próprio, em mito que trará a todo o povo a libertação e a redenção.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S.M.S. A região semiárida do nordeste do Brasil: Questões Ambientais e Possibilidades de uso Sustentável dos Recursos. *Rios Eletrônica- Revista Científica da FASETE*. ano 5 n. 5 dezembro de 2011. Disponível em:

[http://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2011/a\\_regiao\\_semiarida\\_do\\_nordste\\_do\\_brasil.pdf](http://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2011/a_regiao_semiarida_do_nordste_do_brasil.pdf). Acesso em: abr. 2021.

BANDEIRA, L. A. M. O sentido social e o contexto político da Guerra de Canudos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, a. 158, n. 396, p. 739-755, 1997.

BINET, Ana Maria. A Herança de um messianismo Português: o sebastianismo brasileiro, histórias do passado e do presente. *Revista Convergência Lusitana*. n. 29, jan. – jun. 2013.

CALASANS, J. *O Ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da campanha de Canudos*. Salvador: Tipografia Beneditina. 1950.

CALASANS, J. Canudos - origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, n. 34, p. 47-63, 1987.



CALASANS, J. *No tempo de Antônio Conselheiro – figuras e fatos da Campanha de Canudos*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

CALASANS, J. Canudos – origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. *Revista USP*. São Paulo, n. 54, p. 72-81, 2002.

CALASANS, J. *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro – Fase do Apostolado*. Bibliografia Canudense. p. 26. Disponível em: [http://josecalasans.com/bibliografiacanudense\\_cliclofolclorico.html](http://josecalasans.com/bibliografiacanudense_cliclofolclorico.html). Acesso em: jan. 2022.

CUNHA, E. *Os sertões*. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2009.

DANTAS, M. D. *Povoamento e ocupação do sertão de dentro baiano*. Penélope, Oeiras, v. 23, p. 9-30, 2000.

DANTAS, M. D. *Fronteira Movediças: a comarca de Itapicuru e a formação do arraial de Canudos*. São Paulo: Hucitec, 2007.

FERREIRA, Jerusa Pires. O universo conceitual de Paul Zumthor. *Revista IEB*, v. 45, 2007. Disponível em: <http://www.hudsonmoura.net/publicacoes/>.

FREIRE, N.C.F; PACHECO A.P. Uma Abordagem Geoespacial e Espectro-Temporal da Degradação Ambiental do Bioma Caatinga na Região de Xingó, Brasil. *Revista Ciência & Trópico*. Recife, v. 41, n. 2, p. 97-128, 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29. Mai./Jun. 1995

GODOY, Márcio Honório. *O Desejado e o Encoberto: potências de movimento de um mito andarilho*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13747>.

LIMA, Luís Felipe Silvério. Capítulo 6: Momentos da profecia: Sebastianismo, Messianismo Brigantino e providencialismo régio. In: *O império dos sonhos: narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino*. p. 232-257.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEIVA, L.P. A. *Dilemas do desenvolvimento no Semiárido: o caso do Programa Produzir, nos sertões de Canudos – Bahia*. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) -Departamento de Educação, Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

OLIVEIRA JUNIOR, I. de. *Da mata branca ao estado de degradação: a desertificação em Canudos-BA*. 2019. Tese (Doutorado) – UFBA, Salvador.

OLIVEIRA, Paulo Fernando da Motta de. *Os Sertões e o Mito Sebástico*. *Revista do Centro de Estudos Literários*. Volume 4, Belo Horizonte, outubro de 1996.p. 225-239.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Dominus/Edusp, 1965. 2. Ed. Alfa-Ômega, 1976.

POLAK, José Augusto Ramos. *Era uma vez uma Utopia... Calunga um Romance Utópico*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2010.

POLESE, Edna da Silva. *Movimentos messiânicos na produção ficcional da segunda metade do século XX: a figura do líder*. Curitiba, 2010. 263f

RIOS, Marcelo. *IX Encontro Estadual de História - Seção RS - Vestígios do Passado: a história e suas fontes - 14 a 18 de julho de 2008 no IFCH da UFRGS*. Porto Alegre/RS.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. O Messianismo e a Construção do Paraíso na História. *Revista Aulas*. Dossiê Religião. N. 4, abril – julho de 2007.

SANTOS, Simão Pedro dos. Sebastianismo e Messianismo em *Os Sertões*. Mosaico – Revista Multidisciplinar de humanidades, Vassouras – MG, v. 3, n. 1, p. 23 – 34, jan. – jun. 2012.

SZACKI, Jerzi. O conceito de utopia. *In: As utopias ou a felicidade imaginada*, p. 1-18

VILLA, Marco Antônio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1997.